



POVO ALGARVIO

Director, Editor e Proprietário: Manuel Virginio Pires

SEMANÁRIO REGIONALISTA

Redacção e Administração - Rua Dr. Parreira, 13 - Telefone 127 - TAVIRA - Composição Impressão - Tipografia «Povo Algarvio» Telef. 266 - TAVIRA

POLÍTICA ECONÓMICA REALISTA

ESTÁ a chegar ao seu termo o II Plano de Fomento, e deve começar, dentro em breve, a preparação do III. Apesar das exigências da defesa nacional, foi possível atingir os objectivos do II Plano. Os empreendimentos neste inscritos não sofreram colapsos estagnantes, que entravassem a progressão ascensional da nossa economia.

Entre o II e o III Plano resolveu o Governo intercalar um plano com um período de execução igual a metade dos dois primeiros, ou seja um plano correspondente ao triénio 1965-1967. Na sequência da orientação iniciada em 1935, com a Lei de Reconstituição Económica, e continuada com o I e II Planos de Fomento, o Governo procura, com o plano trienal, assegurar a prossecução do esforço de valorização económica e social.

Continua na 4.ª página

A TERCEIRA ESTÂNCIA

A terceira estrofe do canto do calendário conta-nos dos desenganos da experiência dum verão efémero de esplendores e árduo de trabalhos e lutas.

Disser-te sobre a evanescência do Belo e do Poder e prepara-se para nos lançar nos atoleiros da dúvida que prece-

CAMPANHA DE CASAMENTOS

A ACCÇÃO das Casas do Povo revela-se altamente meritória para o progresso e a valorização, económica e social, dos meios rurais. Através de quase seis centenas e meia de organismos, abrangendo 1.144 freguesias e cerca de um milhão de trabalhadores rurais e suas famílias, as Casas do Povo têm levado a cabo nos diferentes sectores, uma obra digna dos maiores elogios.

Continua na 4.ª página

de a velhice e a demência. Valeu a pena viver? Valeu a pena a terra enfeitar-se de flores que os frios aguaceiros do inverno transmudam em lodo viscoso.

Neste dia lívido, ameaçando tempestade, nos ares e no pensamento, carregada a atmosfera da vida com o ozono das preocupações de toda a espécie, sabe bem abrir o album do Passado, ilustrado de rosas pálidas de saudade, entre os esfumados cinzentos do que para sempre ficou esquecido.

Aqui está um documento histórico e político. Como um cortiço onde as abelhas se acu-

Continua na 2.ª página

RIQUEZAS DO ALGARVE



Salinas - Um lindo aspecto da extracção do sal

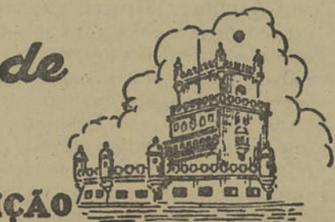
O ALGARVE ATRAVÉS DA MÚSICA POPULAR: SEUS VALORES, ASSISTÊNCIA E EDUCAÇÃO

Na poesia, na literatura, na pintura, no jornalismo, tem o Algarve dado evidentes provas de idoneidade.

Seus valores são cotados no mais elevado escalão. Nesta faceta, que é orgulho do algarvio, não há que recear do nosso Algarve ficar atrás dos valores de outras regiões do País. E assim, se de algumas está

Dádiva generosa para o «Lar da Criança»

A poetisa tavitense sr.ª D. Virgínia Guimarães Chaves Ramos, alma de eleição, entregou ao «Lar da Criança» a quantia de 800\$00, produto líquido da venda do seu primeiro livro de versos «Sol-Pôr». Bem haja pelo seu simpático gesto.



Não resistimos a ler de um fôlego quanto então se ensinava sobre o assunto e, sobretudo quanto se exigia dos alunos para fazer deles Homens e Mulheres educadas, dignos, Continúa na 4.ª página

O RANCHO FOLCLÓRICO da CASA do POVO de SANTO ESTEÃO VAI A MARROCOS

O excelente Rancho Folclórico da Casa do Povo de Santo Estêvão desloca-se em breve ao Norte de África, como portador das mais belas canções do nosso folclore regional, exibindo com primor os seus maravilhosos corridinhos e o seu típico balso pulado.

Mais uma vez o rancho de Santo Estêvão se deslocará ao estrangeiro como porta-voz dos cantares da nossa terra. Foi com prazer que recebemos esta agradável notícia, da parte de pessoa amiga.

no mesmo nível, de outras tem a primazia.

As condições natas do algarvio, as excelentes condições do clima, a luz inebriante, as seduções poéticas, as belas praias que permitem uma permanente estação balnear, toda esta amálgama de virtudes tem o condão de fazer convergir um mundo novo ao torrão algarvio, pelo que, dia-a-dia ele vai sendo mais conhecido, fre-

Continua na 2.ª página

PARA QUANDO A TELEVISÃO EM TAVIRA?

Aproxima-se mais um Inverno e com ele as longas noites de tempestade que convidam o pacato cidadão a não sair de casa e, como nem todos sabem jogar a canasta, a televisão seria, como é para muito gente boa, um motivo de distração e de cultura.

Apesar de tantas promessas, dos inflamados protestos apresentados na Assembleia Nacional, a coisa permanece como ate aqui. Nesta região a televisão não se vê e muito especialmente dentro da área da cidade.

E que providências já foram tomadas para solucionar o problema?

Fala-se já há anos na hipotética montagem de uma antena no Serro da Cabeça, propalou-se a ligação da energia eléctrica ao monte da Alcaria do Cume mas, tudo prossegue na mesma como dantes e o tavitense se quiser ver televisão tem forçosamente que se deslocar a Olhão ou a Faro

É como ser-se estrangeiro na própria terra natal.

E ainda há porventura quem pague taxa de televisão em Tavira? Só por luxo.

Gostaríamos que alguém nos dissesse com clareza se devemos pôr de parte a ideia de ver televisão em Tavira

Embora saibamos que isto é malhar em ferro frio, de vez enquando ousamos perguntar: «Para quando a televisão em Tavira?»

TROVA

A Preguiça e o Desmazelo Juntaram-se em casamento. Levando os dois, em bom dote, Uma mão cheia de vento.

António Correia de Oliveira

OS NOSSOS MOÇOS...

O sr. F. G. nivela a sua lastimosa mentalidade com a mentalidade decentia e indecorosa dos «seus» moços - e ousou surgir em sua defesa, ofendendo a Ilustre Professora D. Maria José Rebelo!

O «Povo Algarvio», ditoso jornal e verdadeiro baluarte que honra o nosso Algarve, publicou em seu número 1501, um escrito do sr. F. G. sob o título acima tomado para estes meus rabiscos. Não sei quem é o sr. F. G. - que se esconde, misteriosamente, nestas duas letras?

Nas suas afirmações há períodos cheios de incorrecção para Senhoras - que merecem todo o nosso respeito!

Há nesse escrito afirmações que, sob todos os pontos de vista filosóficos, racionais, dignos da nossa inteira repulção:

Continua na 2.ª página



A FIM de ficarem todos esclarecidos quanto às nossas possibilidades no que diz respeito propriamente a empreendimentos pelas verbas de Turismo, informamos:

Receta em 1964, cerca de 100 contos.

DESPESA:

Propaganda (canção de Tavira, etc., . . . 14 428\$00

Dividas passivas (toldos, sombrinhas, desdobráveis, etc., . . . 39 331\$00

Pessoal . . . . . 25 000\$00

20% para o Estado . . . 16 456\$00

Com o que sobra faremos tudo aquilo que nos alvitrem. Quando houver hotéis, pensões, etc, então ver-se-á.

VOLTAMOS a informar o Concelho que sem a desafectação da Ilha, ponto de partida para o progresso, pouco se poderá fazer enquanto não pagarmos o empréstimo.

Só depois disso se poderá tentar novo empréstimo e com ele dar outro avanço.

Nada de castelos no ar.

SEM falar nas verbas da assistência hospitalar, a Câmara já subsidiou os pobres do concelho este ano, em cerca de 20 contos, no auxílio a exames radiológicos.

Ou pretender-se-ia calcetar mais uma pequena rua com este dinheiro?

JUSTIÇA E PODER

EM certo bazar de utilidades, quando, à noite, o dono fechava as portas e se retirava para casa, os objectos animavam-se e, reunidos, trocavam impressões. Certo dia ou, melhor dizendo, certa noite, combinaram reunir-se em assembleia geral, a fim de tratarem de assuntos de interesse colectivo, pois a vida, ali dentro, não lhes corria muito a contento. O dono punha e dispunha numa arbitrariedade irritante, num interesse totalitário que não se coadunava com o teitio constitucional dos objectos constantes do seu recheio de loja.

Estes escolheram para a sessão uma noite equinocial para aquela não ser tão pequena que deixasse a discussão em meio,

nem tão demorada que a assistência se escangalhasse com bocejos ou aplicasse a atenção a factos alheios ao que se pretendia tratar. Sucede assim às vezes.

Mas bem: inaugurou-se a sessão presidida pelo jarro de plástico que escolheu, como secretários, a mulher do padeiro, em loiça das Caldas, dum ilustração brilhante, e o fogão de petróleo, muito decorativo

Continua na 2.ª página

Crónica de LISBOA...

por: LIBERTO CONCEIÇÃO

CIVILIDADE

Coscuvilhando agora os velhos alfarrábios que pertenceram a nosso Avô, - professor, de quem nos lembramos ainda, já velhinho, cultivando como um sacerdote, o gosto de ensinar a mocidade daquele tempo... «velhos de hoje, - fomos descobrir, embora meio carcomido pela traça, um grosso volume encadernado em coiro, onde se condensava toda a matéria da 5.ª Classe de então: História, Gramática, Aritmética, Desenho, Geografia, etc.

Mas, para além da admiração que nos causou a profundidade da matéria que já então se ensinava nas Escolas Primárias f-riu a nossa atenção uma «disciplina» à qual se dava tanto relevo, como às demais: Civilidade!

A POSSE DO NOVO PRESIDENTE da CAMARA de FARO

NO passado dia 12 do corrente, realizou-se em Faro, no salão nobre do edificio dos Paços do Concelho, a cerimónia da posse do novo presidente do município sr. Major João Henrique Vieira Branco.

Presidiu ao acto que foi muito concorrido o sr. Dr. Joaquim Romão Duarte, Governador Civil do distrito, estando presentes os deputados pelo Algarve srs. Drs. Jorge Correia e João Cardoso monsenhor Manuel Pardal, governador da Diocese e alguns presidentes dos municípios algarvios.

O sr. Governador Civil fez o elogio do empossado e salientou alguns problemas concelhios que carecem de imediata solução.

Usaram da palavra os srs. Raúl Bivar, presidente da Junta Distrital e Dr. Manuel Trigo Pereira, em nome dos vereadores, que saudaram o empossado fazendo votos pelo bom desempenho do seu cargo.

Continua na 2.ª página

# Justiça e Poder OS NOSSOS MOÇOS... A Terceira Estância

Continuação da 1.ª página

por irradiar as centelhas do seu saber um pouco passado à história, desde que os colegas, a gás, o destronaram.

A assistência, numerosíssima e não selecta com prerrogativas igualitárias, compunha-se de todo o conteúdo da loja.

O jarro de plástico, num discurso lardeado de gordos argumentos convincentes, apresentou os seus pontos de vista pessoais no tocante à arbitrariedade com que o dono da loja e os empregados tratavam os objectos. Lamentou que o púcaro de alumínio tivesse tido duas semanas de montra, sendo tão pouco amigo de aparecer em público, ao passo que o vaso de loiça verde que tanto apreciava o ar livre, há seis meses jazia debaixo dum monte de esteiras. Os talheres de alpaca, passavam a existência no convento duma caixa, sem terem vocação para a vida monástica, e os pratos de Sacavém sob um aterro de palha, sufocavam.

Os vidrinhos de essências que, se deixavam escapular o perfume, não passavam de nulidades, postos nas melhores prateleiras, observando os que entravam, saíam, o que compravam e diziam, eram elemento de desordem pelas intrigas e boatos que faziam correr quando passavam pelas verdadeiras utilidades, moendo raluças e dizendo mentiras. Bem mereciam ser expulsos daquela república de gente honesta, e ao restante da assistência, cumpria sugerir o remédio para que reinasse a justiça no seu pequeno mundo.

Seguiu-se o brilhante discurso da mulher do padeiro que lamentou a maneira como era tratada, sempre por trás do balde de zinco e à esquerda das latas de insecticidas. Havendo muitíssimos espelhos, porque não apropinquavam um deles para se mirar? Porque não lhe chegavam ao pé a rima de sabonetes finos e discretos, as flores de plástico delicadamente coloridas, porque, insensatamente, lhe sacudiam o pó, com tão pouco cuidado?

Temia sempre fazer-se em cacos. Porém, dada a sua qualidade de senhora, a mulher do padeiro declarou que se conformava com o que o fogão de petróleo alvitrasse em favor do interesse geral.

Tinha falado tão bem que a jarra de porcelana da China, em estilo Vou-Ali-Javenho, limpou uma lágrima às franjas do tapete de Beiris.

Levantou-se por sua vez o fogão de petróleo, reluzindo de erudição. Lamentou o desprezo com que uns fregueses se tinham rido dele, achando-o bom para museu. Graças a Deus tinha ainda intactos todos os órgãos essenciais ao bom desempenho das suas ardentes funções. Poderia considerar-se estropeado, desboto, caquético?

Na oficina onde tinha sido feito havia um espantalho que todos os anos punham em cima da figueira, ao tempo dos figos, por via dos pássaros. Um dia entrou lá um sujeito de ares suspeitos. Viu o espantalho. Olhou-o sem medo. Chamou depois outro homem. Concordaram que o espantalho merecia museu, por ter pertencido ao palácio de D. Gáditano IV, e lá o tinham levado.

O fogão de petróleo temia ir para o museu e encontrar lá o espantalho, porque tinha medo da sua fealdade. Pediu justiça, ou o seu espalhador lançaria chispas que iriam queimar tudo em roda.

Que a luz da manhã seguinte de dealbasse pelas vidraças da montra, fosse a dum sol de justiça; não duma justiça acobardada sob o império da força, esgalgada e magia de angústia, mas duma nova ideologia dos direitos de cada coisa

no seu lugar e um lugar próprio para cada coisa.

Desde as vassouras de piassaba até aos cordões de sapatos toda a assistência desatou a aplaudir numa derrocada de palmas, numa tempestade de vivas, num arraijal de foguetes, num embandeirado de aplausos e em vinte filarmónicas de regosijo, o reinado da justiça.

A custo serenou o barulho e as coisas retomaram as suas posições e lugares.

Então um pequeno alfinete de arame conseguiu fazer-se ouvir.

— Onde está o poder para fazermos valer a justiça que nos assiste?

Ninguém respondeu. Astrinchas enovelaram as crinas em sinal de desgosto e o jarro de plástico descorou, aflito.

Suspendeu-se a sessão...

Pouco a pouco, a claridade da manhã encheu a casa. O dono da loja meteu a chave e encolheu a lingueta da fechadura. Abriu-se a porta. Por ela entrou, tirando e pondo daqui para ali, a seu talento.

Tinha poder para isso.

Mas três dias depois, em bicicleta motorizada, em embate com o camião da pedra, o dono da loja ficou atropelado. Não voltou à loja onde o esperavam.

Dias mais tarde soube-se o acontecimento. As coisas choravam-no com verdadeira simpatia e o fogão de petróleo, almareado e ôco, perguntava: — Onde está, afinal, o poder?

## Tribunal Judicial Comarca de Tavira Anúncio

1.ª publicação

O Doutor João Carlos Leitão Beça Pereira, Juiz de Direito da comarca de Tavira.

Faço saber que no dia 3 de Novembro de 1964, pelas 11 horas, e à porta do Tribunal Judicial, desta comarca, nos autos de acção de divisão de coisa comum em que é requerente José Puga e mulher Maria Cândida dos Santos, ele proprietário e ela doméstica, residentes no sítio da Campina, freguesia da Luz, desta comarca, e requeridos Mateus dos Santos, viuvo, jornalista, ausente em parte incerta da Argentina, e outros, que corre pela Secretaria Judicial desta comarca, há-de ser posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, o seguinte prédio:

— Prédio misto no sítio da Campina, freguesia da Luz, desta comarca, que consta de terra de semear, árvores e casas de habitação, confrontando do norte com estrada do Vale de Potes, sul e poente com Luís Viegas e nascente com Estrada da Macaca. Inscrito na respectiva matriz predial rústica sob os artigos n.º 2087 e 2088, e na urbana sob o art.º n.º 1075. Vai à praça pela importância de doze mil trezentos e trinta e seis escudos.

Tavira, 6 de Outubro de 1964  
O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira  
O Escrivão de Direito  
Sebastião Baptista Leiria

**NITRATOS  
DE  
PORTUGAL**

Continuação da 1.ª página

... «Como cavalos de corrida, quando maior era o obstáculo, maior o fôlego que tomavam».

«Depois há ainda o caso de o grupo feminino não trazer na testa os seus diplomas e dignidade»...

«Mas, sério, sério, aqui para nós, o melhor teria sido as francesinhas terem sido caridosamente informadas de que as meninas portuguesas não andam, mesmo em grupo pelos cafés, às tantas da madrugada, haja ou não festa.»!!!

Sr. F. G.: o sr. revela-se, neste caso, muito pouco atilado e as suas afirmações causam-nos apenas tristezas!

Vê se bem que o sr. não passou de Portugal e que só conhece o estrangeiro através do cinema e da Rádio-televisão...

Desconhece (também) as normas da civilidade, as quais deviam ser apanágio de todos os portugueses.

A Prostituição oficial sr. F. G., já acabou em Portugal e o humilde autor destes rabiscos muito trabalhou para isso, desde os seus 18 anos de idade.

Sim: infelizmente, a Prostituição particular, a mais nefanda, continua esfaimada, para nossa maior vergonha!

E sabe o sr. F. G. porque razão ela se mantém nesse indecoroso aviltamento? Porque a maior parte dos homens são totalmente maldosos egoístas, devassos!

Porque razão não olha o homem, de carácter igual a esses «seus» moços para a mulher que ele não quer para sua companheira na luta desta vida, como se ela fosse sua verdadeira irmã?

Só quando o verdadeiro homem assim proceder, terá direito de se intitular civilizado e será digno de uma Humanidade Altiva, e digno de si mesmo.

O sr., se é pai, deve compreender, muito bem, que não gostaria ver suas filhas encarnecidas por nenhum homem, mesmo por esses «moços» que o sr. tão infelizmente se levantou em sua defesa!

A mulher, a meu ver, não deve ser «conquistada» com a violência e ela tem o direito de ser respeitada por todos os homens, quer seja à luz do dia ou a altas horas da madrugada, em noites de festa ou mesmo não havendo festa na rua, nos Cafés, em qualquer parte.

A mulher livre, tem o direito de frequentar os Cafés em qualquer altura, quando estes funcionando para o público. As meninas portuguesas não frequentam tais cafés sem serem acompanhadas por algum homem respeitoso, porque já sabem quão elevado é o grau da maldade dos seus compatriotas, com algumas excepções, bem entendido.

Em Portugal, infelizmente, ainda encontramos muitos idiotas e «engraçados», meninos, que se julgam muito «bonitos» e engraçados, mas que só causam dó e, por vezes, repugnância!

E o sr. tem muita razão quando afirma:

... «como cavalos de corrida.»  
E eles não são bem cavalos, porque os cavalos não se comportam assim para com as pessoas.

Esses «seus» moços podem muito bem ser outra coisa hor-

renda mas não bondosos cavalos!

Idiotas, idiotas é que eles devem ser sr. F. G., com a mania de «conquistadores» e, certamente, como dizem cá na minha terra, «não podem ver uma simples burra com um lenço na cabeça»...

Mas, há em tudo isto apenas uma coisa que me faz pensar: não haverá autoridades suficientes em Tavira para «meterem nos eixos» semealhantes meninos, atrevidos, defendendo-se, assim, senhoras, estrangeiras ou não, das suas loucas arremetidas?!

Manuel Geraldo

## O Algarve através da música popular

(Continuação da 1.ª página)

quentado, e, como o gosto é contagioso, dentro de tempos, e decerto curtos, todo o nosso pulcro Jardim de trinta léguas à beira-mar florido estará recheado de uma grande massa de gente estranha.

É do domínio público o conhecimento de que o nosso Algarve está a aumentar, a passo acelerado, a sua invejável industria turística. Mais uns tantos melhoramentos já estudados, planeados e a breve prazo construídos, e temos que, também a breve tempo, por todo o litoral, por todo o centro, por todo o barrocal, por aldeias de sonho, por vilas de sedução, por cidades de lendas, de tradições, de história, e, por lugares de meditação, paz e sossego, que contar como companheiros em todo o labor algarvio, com uma mescla de estrangeiro a algarviar a sua satisfação pela vida que distrutam, são e rica de encantos, no afago carinhoso e calmo que o Algarve lhes proporciona. Eis a grande moia motora que vai impulsionar grandemente a alma da nossa província: — O Turismo!

Aberta, portanto, a porta do sumptuoso Palácio Sulino, o turista nele vai encontrar o poeta que lhe canta as belezas naturais e os amores do povo, o jornalista que lhe dá agradáveis reportagens, o escritor que lhe satisfaz o espírito com delicada literatura de arte e crítica, amorosa, paisagística e romântica, e o pintor que, com a sua hábil paleta lhe toca na alma sensível ao dar-lhe, com artísticas pinceladas, todos os camilantes que engrinaldam o poético Algarve.

Nos desportos, além dos outros menos citados mas em razoável desenvolvimento, especificamente no futebol, também o turista encontra sectores onde possa entusiasmar o espírito ávido de agitação, barulho e movimento. Mas...

E na música?

Ai... na música...  
Na música não encontra ele, que é exigente na sensibilidade dos sons, organizações que o satisfaça. Não por falta de valores, que os há, e bons; mas sim por falta de orgânica, estímulo, ajuda oficial e centros de educação que disciplinem os dispersos entusiasmos que lutam por si sós em terreno inseguro.

É bem triste esta nota de falta!

Pedro de Freitas  
(Excerto de uma conferência que há tempos pronunciou na Casa do Algarve)

Continuação da 1.ª página

mulam, fervilham nomes de gente poderosa, talentosa e opulenta.

Que é deles todos, os que viviam nos fins do último século? Onde estão reis, artistas, ministros, músicos, comendadores, políticos, filósofos e escritores? Já não existem.

Mas aqui jazem patentes imensos trabalhos que realizaram... Ficaram ao menos os frutos daquele esforço, de lutas titânicas em que se envolveram? Nem isso.

Ressano, Espregueira, Dias Costa, Beirão, Burnay, Hintze, Luciano Cordeiro e Luciano de Castro, Fontes, Tomás Ribeiro, Alpoim, João Franco, para só falar na pleiade dos políticos, não são mais que nomes, aerólitos dum mundo que se desagregou, e se perderam na noite do vácuo.

Olhar para eles, descobrir o que fizeram e foram é antever o retrato dos nossos contemporâneos, o nosso próprio retrato, brilhando um momento à luz da actualidade e sumindo-se no táfido da velhice e no vexame da morte.

O momento da actualidade é o instante da diferenciação. Há os que comem o pão com camisa e os que o abiscoitam sem camisa; os que o saboreiam em fatias, alvo e amanteigado, e os que o abocanham depois de ter andado pelas velhas canastras que descansam no pó das ruas e congostas, ou os que não o conseguem amorsegar e o viram a fazer figas pelas janelas da furgoneta distribuidora.

Tempo de outono. Sob a cena o primeiro acto do drama das sementeiras. O lavrador lançar a semente, aos punhados, com um afecto sempre igual. Um semente germinar e espigarão para o pão encamisado, outras para o dos que o pagam por igual preço, mas apenas o recebem nu. Talvez não mereçam comer o pão vestido pela mesma mão que vai ao balcão recebendo o pagamento e dando trocos, já que o comem amassado por padeiros que não se dignam vestir uma blusa para que o suor lhes não goteje na masseria. Lavaram as mãos(?) e por isso merecem a comenda do aseo. Não é preciso mais nada.

Que importa tudo isto? O tempo comerá por igual os que devoram o pão com e sem camisa, diz-nos a terceira estrofe do auto do calendário que agora decorre nos palcos do mundo, com cartaz de nuvens, cenário chupinhento e os primeiros arrepios de frio, à laia de trilos da flauta encantada, no prelúdio duma tempestade orquestral.

## Trespasa-se

Uma venda com bastante clientela, na Rua Almirante Cândido dos Reis.

Tratar com Joaquim Drago, na referida venda.

ESTE SEMANÁRIO É TRANSPORTADO PARA TODO O PAÍS NOS COMBOIOS DA

## Agradecimento

A família de Custódio Gago, na impossibilidade de o fazer pessoalmente vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que se interessaram pelo seu estado de saúde durante a sua doença e que o acompanharam à sua última morada e bem assim a todos que, directa ou indirectamente, lhe manifestaram o seu pesar.

No poupar é que está o ganho... Nem sempre Não poupe na compra de bons adubos nem nas boas sementes!

Com o azoto de quatro ou cinco quilos de NITROLUSAL poderia ter mais uns dez a doze quilos de trigo. Faça as contas e veja que às vezes... no gastar é que está o ganho... se gastar em coisa boa. São bons adubos de

**NITRATOS DE PORTUGAL**  
Nitrolusal, Nitrapor e Nitrato de Cálcio os adubos das boas colheitas.

# LAGOS Retratada...

## Uma atitude muito grave

Ali para os lados da Meia-Praia, frente à majestosa Baía de Lagos, determinado madeirense, natural da linda cidade do Funchal, o qual me conheceu durante os anos que lá vivi, ainda no verdor da minha descuidada mocidade, quando eu ostentava no meu rosto umas barbas à Guerra Junqueiro, porque, eu, então, me julgava poeta, mas assim que me certifiquei que a louca humanidade não era merecedora de umas simples barbas, logo as mandei deitar abaixo, envolvidas no meu maior desprezo!

Como ia dizendo, aquele meu estimado amigo, casado com uma senhora inglesa, faz a sua vida oficial em Londres. Sua esposa, depois de percorrer todo o nosso País, incluindo a maravilhosa Pérola do Atlântico, que é a nossa linda Ilha da Madeira, preferiu fixar-se em Lagos! Para isso, adquiriu uma casa em frente da nossa Baía. Porém, a dita casa encontra-se entre duas outras moradias distintas, cada uma delas com os respectivos logradouros.

Os ingleses, como muito bem sabemos, são pessoas muito independentes, não admitindo que uma simples mosca, sequer, os incomode. Temos forçosamente de admitir o seu pleno direito e respeitar a sua maneira de ser, nesse sentido.

Fui visitá-los, há dias. A elevada educação da senhora, e a afabilidade do meu dito amigo, me cativara extraordinariamente.

Depois de recordarmos a nossa mocidade passada na maravilhosa Ilha, os nossos amigos, alguns deles abalados deste mundo — porque recordar é viver! — veio à baila o seu imenso desgosto motivo das injustiças recebidas de alguns portugueses, seus vizinhos.

É que, em um daqueles prédios, o seu proprietário alugou-o durante alguns meses, a determinado indivíduo de Lisboa, o qual, por sua vez, trouxe mais dois casais. Os filhos, ainda meninos, fazem travessuras endiabradas, espertam atrevidamente a janela da alcova do meu dito amigo, fazem a altas horas da noite um barulho infernal, não os deixando dormir, faziam despejos a esmo de toda a espécie de imundície, as cabeças de peixe ficavam a apodrecer, onde nuvens de moscas acompanhavam o total da repugnância ali mesmo junto à sua residência!

A senhora, que não fala português, foi buscar o seu gravador e pô-lo a funcionar, explicando que aquilo era feito à meia-noite e às 2 horas da madrugada.

Aguardel.  
De repente, encheu a atmosfera silenciosa e doce daquela casa um barulho ensurdecedor, qual barulho de feira-franca; nem o próprio diabo seria capaz de suportá-lo! Eu, puz as minhas mãos na cabeça e a senhora, de educação esmerada, logo parou o aparelho.  
E aquele casal me afirma sentenciosamente:

— Não temos razão de queixa dos proprietários nossos vizinhos, mas unicamente daqueles vizinhos de Lisboa, pela sua forma incomodativa. Porque não respeitamos os nossos direitos de cidadãos?!

Esta forma provocante e desrespeitosa tem-nos forçado a procurar o nosso dormitório na nossa garagem, dentro do automóvel! Levaram-me até lá. Ainda ali se encontravam duas almofadas, que serviram de travesseiros na última noite.

— Sabe: se isto não mudar, tencionamos vender, com muito desgosto, a nossa casa! Mas em Londres, minha mulher, na sua qualidade de inglesa, fará afirmações na imprensa, as quais não poderão ser favoráveis ao Turismo Português, nem tão pouco à maior parte dos portugueses... Até na praia, os turistas são alvo da má educação dos muitos cavalheiros, os quais têm de humano apenas a forma!

E é assim que se procura fazer turismo em Lagos?! Esses senhores de Lisboa, porque não vão fazer a vida, muito sua: no Estoril?!

Um outro vizinho me contou que, aqui há tempos, estando na sua casa, ouviu uma algazarra enorme vindo do lado da casa onde há muitos garotos, eram estes que em doida correria saltaram para o seu quintal, pulando também primeiro, pelo jardim do meu querido amigo.

É claro, os meninos foram avisados que não deviam mais voltar ali. Nisto, uma das senhoras mães, em tom de mofo, diz: — Meninos!... Venham cá! Não molestem esse senhor...

O molestem, foi pronunciado numa forma muito especial.

Deixai a nossa terra em paz! Sim, já que na bagagem não trouxeram uma simples amostra de consideração pelos seus semelhantes, prejudicando, assim, o Turismo Algarvio — tão ultrajado

por muitos portugueses inconscientes!

Este casal amigo de Lagos tem de ser defendido pelas nossas autoridades turísticas, para o bom nome de Portugal!

Aqui, não deve ser «assim» ou «assado», pelo facto de tratar-se do sr. «fulano» ou do sr. «beltrano de tal»... Nada de curvaturas vertebrais!

Só nos devemos curvar perante a Razão, a Justiça e o Direito, estejam elas ao lado do homem de posição ou mesmo do mais humilde carroceiro!

Só faz ao contrário todo aquele que não tem na sua cara uma simples neiga de vergonha e de carácter!

Manuel Geraldo

## Tribunal Judicial Comarca de Tavira

### ANÚNCIO

1.ª Publicação

O Doutor João Carlos Leitão Beça Pereira, Juiz de Direito da comarca de Tavira.

Faço saber que no dia 16 do próximo mês de Novembro, pelas 11 horas, à porta do Tribunal Judicial, desta comarca, nos autos de execução com processo ordinário em que é executante a Sociedade Comercial Abel Pereira da Fonseca, com sede em Lisboa e executados Manuel Pires Mateus e mulher D. Maria Graciete da Silveira Pires Soares Mateus, proprietários, residentes em Tavira, que correm termos pela Secretaria Judicial desta comarca, hão-de ser postos em praça, pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lance oferecido acima do valor que adiante se indica, os seguintes prédios penhorados àqueles executados:

1.º Um prédio urbano na Rua Roque Féria com os n.ºs 26 e 28, nesta cidade, freguesia de Santa Maria, inscrita na matriz respectiva sob o art.º 559 e descrito na Conservatória do Registo Predial de Tavira sob o n.º 8238, a fls. 69 v.º do Livro B-21, o qual vai à praça pelo valor de 60 540\$00.

2.º Um prédio urbano na Rua Almirante Cândido dos Reis, com o n.º 120, nesta cidade, inscrito na respectiva matriz sob o art.º 505 e descrito na citada Conservatória sob o n.º 12 513, a fls. 90 do Livro B-32, o qual digo, 505, actualizado para 2354, e descrito na citada Conservatória sob o n.º 12 513 a fls. 90 do Livro B-trinta e dois, o qual vai à praça pelo valor de 69 120\$00.

3.º Um prédio urbano na Rua Roque Féria, n.º 16, e frente também para a Rua José Joaquim Jara, para onde tem o número quinze, em Tavira, freguesia de Santa Maria, inscrito na respectiva matriz sob o art.º 554 e descrito na respectiva Conservatória sob o número 12 672, a fls. 171 v.º do Livro B-32, o qual vai à praça pela quantia de 8 460\$00.

4.º Um prédio urbano térreo na Rua dos Fumeiros de Traz, com os n.ºs 43, 43 A e 45, em Tavira, freguesia de Santa Maria, inscrito na respectiva matriz sob o art.º 191 e descrito na dita Conservatória sob o n.º 12 546 a fls. 106 v.º do Livro B-32, o qual vai à praça pelo valor de 52 800\$00.

Para constar se lavrou o presente edital e mais cinco de igual teor que vão ser igualmente afixados.

Tavira 16 de Outubro de 1964.

O Juiz de Direito  
João Carlos Leitão Beça Pereira  
O Escrivão de Direito  
Sebastião Baptista Leiria

## ALGARVE Desportivo

### Campeonato Nacional da 2.ª Divisão (Zona Sul)

Resultados da 1.ª jornada:  
FARENSE, 2 — PORTIMONENSE, 1  
«Os Leões», 1 — OLHANENSE, 3  
Atlético, 0 — Cova da Piedade, 1  
Barreirense, 2 — Sintrense, 2  
Almada, 1 — Alhandra, 1  
Montijo, 1 — Luso, 1  
Oriental, 3 — Desport. de Beja, 0

Farense, 2 — Portimonense, 1  
Estádio de S. Luís, em Faro.  
Arbitro: Carlos Dinis, de Lisboa.  
Farense — Rodrigues; Bento, Graça, Armando e Dias; José Gonçalves e Vitor; José Manuel, Oscar, Simões e José Bento.

Portimonense — Daniel; Pais, Saralva, Carlos e Jorge; Arquimino e José António; Lecas, Ramos, Afonso e Alexandrino.

Ao intervalo: 1-0.  
Marcadores: José Bento e Simões pelos locais e Alexandrino pelos visitantes.

Quando da marcação do golo portimonense, Rodrigues lesionou-se, sendo substituído pelo «reserva» Ascensão.

Com o começo do Campeonato Nacional da 2.ª Divisão—Zona Sul, registou-se logo um «derby» algarvio, que registou uma grande enchente. Os apaniguados do clube de Faro, empunhavam cartazes saudando o Portimonense, gesto que foi muito apreciado.

Interessante, a partida entre farense e portimonense, notando-se logo de entrada, nas duas equipas, boa disposição para se adiantarem no marcador. Os primeiros 20 minutos pertenceram ao Farense, no qual obtiveram um golo aos 4 m e criaram algumas oportunidades de golo feito. Depois, o Portimonense, até ao fim dos 45 m. e em todo o 2.º tempo de jogo, impôs domínio, insistente, devido ao mau labor dos médios do Farense, que não davam com a marcação dos seus adversários e por isso perderam o domínio do meio campo. No 2.º período de jogo, o Portimonense com o vento pelas costas, continuou a apouquentar a extrema defesa farense e dando assim, oportunidade a Rodrigues de mostrar as suas excepcionais qualidades de guarda-redes.

No Portimonense, distinguiram-se, José António, Ramos e Afonso. No Farense, além de Rodrigues, em excelente forma, destacaram-se, Bento, Simões e José Bento. Da arbitragem, o sr. Carlos Dinis, teve alguns erros, mas sem influência no resultado.

A segunda jornada realiza-se hoje, com os seguintes jogos:

OLHANENSE — Atlético  
PORTIMONENSE — Oriental  
Alhandra — FARENSE  
Cova da Piedade — Almada  
Sintrense — «Os Leões»  
Luso — Barreirense  
Beja — Montijo

## Carteira Perdida

Dão-se alvissaras a quem achou uma carteira, que foi perdida no dia 14 do corrente, no percurso Calada - Tavira, e a entregue na redacção deste jornal ou ao seu proprietário no referido local.

Ao seu proprietário interessa mais do que o dinheiro os documentos que ela continha.

## J. A. PACHECO TAVIRA

Fábricas de moagem de farinha espoada e ramas

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

## J. A. PACHECO

tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

## Tribunal Judicial Comarca de Tavira ANÚNCIO

1.ª publicação

O Doutor João Carlos Leitão Beça Pereira, Juiz de Direito da comarca de Tavira.

Faz saber que na execução de sentença pendente na Secretaria Judicial, desta comarca, em que é exequente José Dias Costa Júnior, comerciante, residente em Faro, e executada a firma Pereira & Vicente, Ld.ª sociedade por quotas com sede em Santa Catarina da Fonte do Bispo, desta comarca, foi designado o dia treze de Novembro próximo, pelas onze horas, no Tribunal Judicial desta comarca, para a abertura das propostas na adjudicação, por meio de propostas em carta fechada, por quantia não inferior a cem escudos, dos seguintes móveis: — Primeiro — Uma medidora de litro, automática, marca A.P.; Segundo — Uma balança decimal. São convidadas todas as pessoas com interesse na compra dos bens referidos, a enviar a sua proposta em carta fechada ao Chefe da Secretaria Judicial de Tavira, até àqueles referidos dia e hora em que se há-de proceder à abertura das propostas que forem apresentadas, podendo os proponentes assistir a tal acto de abertura.

Tavira, 6 de Outubro de 1964

O Juiz de Direito

João Carlos Leitão Beça Pereira

O Escrivão de Direito

Sebastião Baptista Leiria

## TOTOBOLA

7.ª jornada 25/10/1964

Nome: «Povo Algarvio»

Morada: TAVIRA

1	Cuf — Belenenses	x
2	Leixões — Benfica	2
3	Sporting — Porto	1
4	Lusitano — Varzim	1
5	Guimarães — Setúbal	x
6	Torriense — Seixal	1
7	Boavista — Sanjoanen	2
8	Covilhã — Peniche	x
9	Salgueiros — B. Mar	1
10	Beja — Portimonense	2
11	Oriental — Alhandra	x
12	Almada — Olhanense	2
13	Montijo — Barreirense	x

Jorge Cruz

o Jornal «POVO ALGARVIO» vencedor ex-aequo do 5.º concurso DO TOTOBOLA

Entre os ganhadores do primeiro prémio, repartido por 6 e, assim, em frações de 333\$30, figuram: o semanário «Povo Algarvio» (Tavira), «Jornal de Abrantes» e «Póvoa de Lanhoso»; o «Diário de Coimbra» e os programas radiofónicos «Onda Desportiva» (Sonarte — R.C.P.) e «Ideal Rádio» (Porto).

Este número foi visado pela Delegação da Censura

## Notícias Pessoais

Fazem anos:

Hoje — D. Maria Evangelista Pires, menino Francisco Eduardo Pires Modesto e sr. José António da Cunha Rosário.

Em 19 — D. Maria do Rosário Neves Vargues, D. Adélia Pires Vicente, D. Maria João Henrique Patarata Martins, menino Daniel Peres Pedro e srs. Eduardo Gonçalves Dores, Joaquim Vaz Figueiredo, Humberto Ferreira e Ricardo Ferreira Campos.

Em 20 — D. Maria Caetano Gonçalves Ferro e srs. Joaquim Dias, Joaquim Santana Faleiro, Dr. Rocheta Cassiano e José Iria Neto.

Em 21 — D. Carmelinda Peres Figueiredo e D. Maria de Lurdes Neto Gago.

Em 22 — D. Maria Julieta Baptista Cruz, D. Maria Eduarda Cabrinha Santos, D. Carlota Martins Algarvio Cabrita e Mlle. Maria Manuela Feliciano Pacheco.

Em 23 — D. Maria de Lurdes Baptista Regato, D. Maria João Gaspar Bacalhau, D. Maria Julieta Tavares, srs. José Amândio Pereira Vargues, Alberto da Silva Ferreira e Celestino dos Santos Amaro Junior.

Em 24 — D. Maria Amélia Ramos, menina Isabel Maria Pires de Sousa e srs. Aurélio Anibal Bernardo, José Augusto da Conceição Martins, António Horta e Mário Fernando Peres Calço.

Partidas e Chegadas

Após ter passado as suas habituais férias na sua Quinta do Morgado, regressou à sua casa em Lisboa, o nosso prezado amigo e assinante sr. Dr. Alfredo Teixeira de Azevedo.

— Regressou há dias de Angola onde se encontrava há 6 anos a fim de prestar serviço militar, o nosso assinante sr. Carlos Eduardo Aleixo da Cruz, filho do nosso velho amigo e conterrâneo sr. Eng.º Venceslau Pompílio da Cruz, residente em Luanda.

— Após ter gozado as suas habituais férias nesta cidade, regressou à sua casa em Lisboa, a nossa conterrânea e assinante sr.ª D. Maria da Conceição Forra.

— Tem passado incomodado de saúde o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. José João Santos Dores, residente na capital, a quem desejamos rápidas melhoras.

— Regressou da capital onde foi visitar vários institutos de beleza a fim de estudar os novos modelos de penteados para a presente estação, a sr.ª D. Maria Justina Cavaco, proprietária do Instituto de Beleza Justina.

— Esteve há dias na Luz de Tavira no gozo de férias, a sr.ª D. Isabel Maria Nest Pombeiro Maricoto Monteiro, que se fazia acompanhar de seu esposo sr. Dr. Luis Felipe Pontífice Maricoto Monteiro e de sua mãe sr.ª D. Germaine Nest Pombeiro.

Nascimento

Na clínica Dr. Cabral Sacadura, em Lisboa, teve o seu bom sucesso dando à luz uma robusta criança do sexo masculino, a sr.ª D. Maria Julieta Estêvão Costa Gonçalves, professora oficial, esposa do nosso prezado amigo sr. professor José Joaquim Gonçalves, presidente da Comissão Municipal de Turismo.

Parabéns aos pais.

Casamento

No passado dia 27 de Setembro, celebrou-se na igreja matriz de Moncarapacho, o enlace matrimonial da sr.ª D. Isabel Maria Torradinho Gomes Pinheiro, gentil filha do sr. João Gomes Pinheiro, proprietário e da sr.ª D. Clotilde Palmeira Torradinho, com o sr. Assis Manuel dos Reis Soares, empreiteiro de obras, natural da Luz de Tavira, filho da sr.ª D. Odília dos Reis Arrais e do sr. Manuel Alexandrino, empreiteiro.

Apadrinharam o acto por parte da noiva os pais do noivo e, por parte do noivo, a sr.ª D. Vivelinda Varela Ferro e seu esposo sr. José do Carmo Avó, proprietário na Luz de Tavira.

Após a cerimónia foi servido um lauto copo de água e um jantar em casa dos pais da noiva, aos convidados, seguindo os noivos no dia seguinte em viagem de núpcias, tendo fixado a residência em Feijó.

Ao novo casal desejamos muitas felicidades.

## Isabel Constantino Agradecimento

Seu filho, nora e sobrinha, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-la à sua última morada, tornando-se extensivo o seu agradecimento a todos que, directa ou indirectamente, lhes manifestaram o seu pesar.

## NUM DESASTRE DE AUTOMÓVEL FALECEU UM SOLDADO CADETE

A semana que findou foi assinalada com laivos de tristeza, traços fúnebres, notas doloridas que enlutaram e tornaram mais lúgubre aquela noite outonal de 11 de Outubro.

Quando seguia para Olhão um grupo de jovens, num carro conduzido pelo soldado cadete João Carlos Matos Vale, de 23 anos, natural de Gaia, que se encontrava prestaneio serviço no Quartel de Tavira, por o veículo se ter despatado na curva próximo da Al-fandanga, este encontrou a morte, ficando feridos os seus companheiros de viagem, no número dos quais se conta o sr. Dr. José Correia, advogado nos auditórios desta comarca e nosso prezado amigo e assinante, residente em Cacela, que sofreu algumas contusões, pelo que fazemos votos pelo seu rápido restabelecimento.

Os feridos foram transportados para o Hospital de Olhão, tendo já felizmente seguido para as suas residências.

O inditoso cadete era filho do sr. Dr. Carlos Santos vale, jornalista e Homem de Letras, residente no Porto e da sr.ª D. Virginia Rodrigues Matos Vale.

Os seus restos mortais foram conduzidos no passado dia 13 do corrente em auto-fúnebre para o Porto, tendo passado por esta cidade, onde os seus companheiros de curso muitos oficiais do C.I.S. M.I. e alunos do curso de Sargentos Milíciaos acompanharam a viatura na sua passagem por Tavira, prestando-lhe assim a sua derradeira homenagem.

Também nessa noite fatídica e cerca das 11.30 horas, próximo da Luz de Tavira, um pobre almocreve, de nome José Rodrigues, solteiro, de 63 anos de idade, que segundo consta era um pobre de espírito, depois de ter bebido uns copos encandeou-se com os faróis de um automóvel e saltou impensadamente para cima do veículo, morrendo algumas horas depois no hospital desta cidade.

Eis o balanço trágico do último fim de semana na nossa região.

## Aos nossos colaboradores e assinantes

Conforme já noticiamos, em virtude do nosso jornal ficar impresso às 13 horas de sábado, todos os originais destinados ao mesmo deverão dar entrada na nossa Redacção até quinta-feira de cada semana.

Tudo o que for recebido depois dessa data só poderão ser publicados no número seguinte.

## RELÓGIO ATÓMICO

Um relógio atómico vai passar a indicar a todo o mundo a marcha do tempo.

Na Conferência Geral de Pesos e Medidas, em Paris, foi resolvido adoptar para registo do tempo um novo método, derivado de um relógio atómico de tal forma perfeito que apenas se atrasa um segundo em cada 5.000 anos.

Foi, por isso, adoptado o átomo como definidor de 1 segundo — definição que se processa por meio de electrões que giram em redor de um núcleo constituído por um metal semelhante ao ouro, o cesium Fica, assim, anulado o antigo método de determinação do tempo, baseado na rotação da Terra sobre o seu eixo.

O registo do tempo por meio de um relógio atómico de cesium foi proposto, pela primeira vez, na conferência de 1960, mas só agora foi aceite pela maior parte dos países.

Na verdade, o novo relógio em nada se parece com um relógio vulgar: trata-se de uma pequena câmara, no interior da qual existem dois campos magnéticos, separados por micro-ondas. Átomos de cesium aquecidos são projectados através dos campos magnéticos, sendo repellidos pelo feixe de micro-ondas que, simultaneamente os regista e os conta. Os átomos actuam com tal exactidão que se contam precisamente 9.192.631.770 em cada segundo.

Dado que o registo de tempo nas viagens espaciais é um factor da mais alta importância para os astronautas, o relógio atómico representa um progresso que permite uma perfeição 200 vezes superior à dos métodos astronómicos. — (ANI)

## Informações Agrícolas

A Cooperativa dos Olivicultores de Tavira já entrou em laboração. Os seus associados podem inscrever-se, caso queiram, para moendas individuais.

**Farmácia de serviço** — Está de serviço urgente, durante a presente semana, a Farmácia Aboim.

## GAZETILHA EXCURSIONISTAS?

*Um caçador afamado  
Diz que viu um javali,  
Como já anda cansado,  
Não terá sido enganado,  
Ou eles andam prá ai?*

*Um javali é uma feral  
E, na louca correria,  
Não será isso quimera  
Ou o caçador é bera  
Ou errou a pontaria?*

*Dizem também que um veado  
Anda prá ai transviado  
Por serros e matagais,  
Há quem ande apreensivo  
E que por esse motivo  
Veja veados demais.*

*Veados e javalis  
Mas que terra tão feliz  
No aspecto climatológico  
Já toda a gente dellra  
Só de rensar que em Tavira  
Val haver Jardim Zoológico.*

*Um javali e um veado  
O caso vai ser falado,  
E o que dará tal junção?  
Um animalejo raro  
Concerteza muito caro,  
E será bicho marrão?*

*Serão animais turistas?  
Que vieram ver as vistas  
Da cidade, o horizonte,  
Antevendo a maravilha  
Dum passeio até à ilha  
Contando já com a ponte?*

*Com tamanho chocalheiro  
Já chegou ao estrangeiro  
A fama deste cantinho,  
Por isso, ninguém se admira,  
Que passelem em Tavira  
Um veado e um porco espinho.*

Zé de Rua

## Campanha de Casamentos

Continuação da 1.ª página

No mês de Setembro, por iniciativa da Casa do Povo de Serpa, celebraram-se 25 casamentos integrados na campanha desenvolvida por aquele organismo tendente a regularizar legalmente a união de muitos dos seus associados.

A cerimónia religiosa assistiram o delegado em Beja do I.N.T.P., um representante da Junta Central das Casas do Povo e muito povo, sendo, em seguida oferecida uma merenda na sede da Casa do Povo. A todos os casais foi entregue a quantia de 100\$00.

Esta acção de valorização social da família é a todos os títulos meritória dado que sendo o agregado familiar a célula-base da sociedade tudo o que tenha como fim a sua valorização é sempre de louvar. As Casas do Povo, organismos primários da nossa Organização Corporativa desempenham, nesse sector, importante acção pois além dessas iniciativas — a união legal dos seus associados — outras levam a efeito como seja a faculdade que concedem aos seus sócios de poderem contrair empréstimos a juro baixíssimo, para que todos possam ter a sua casa, graças ao alargamento, aos meios rurais, da Lei n.º 2092.

A recente determinação superior do alargamento dos benefícios concedidos aos sócios das Casas do Povo que passam a gozar dum esquema mínimo, do qual fazem parte a concessão de subsídios na doença, no casamento, no nascimento dos filhos, na invalidez e na morte, além de assistência médica e medicamentosa, para si e seus familiares, torna esses organismos como dos mais valiosos, pela acção desenvolvida da nossa Organização Corporativa. Esta campanha de casamentos agora levada a efeito pela Casa do Povo de Serpa, começada com a celebração de 25 matrimónios é digna dos maiores louvores.

## Vende-se

Uma courela de terra de semear com diverso arvoredo, no sítio do Carapto freguesia da Conceição de Tavira.

Quem pretender dirija-se a Francisco Silva, Travessa das Figueiras n.º 8 — Tavira.

# POVO ALGARVIO

SEMANÁRIO REGIONALISTA

## Política Económica

Continuação da 1.ª página

Mas porquê, neste momento, um plano intercalar? Porque não um plano sexenal, como os anteriores?

Numa recente declaração à Imprensa, o sr. Dr. Corrêa de Oliveira, Ministro de Estado adjunto à Presidência do Conselho, respondeu a estas perguntas.

Os condicionalismos da presente conjuntura, entre eles a incerteza ocasionada pela difícil previsão dos encargos com a defesa do País e a complexidade do processo de unificação dos mercados nacionais, estão na base desta decisão governamental, pois entendeu-se ser mais realista, neste momento, programar para um período curto. Como os elementos reunidos no plano intercalar continuarão a ser válidos num futuro próximo, pode dizer-se que ele será uma espécie de prolegómenos do III Plano.

Somam 48,8 milhões de contos os investimentos previstos dos quais 14,4 destinados a financiar empreendimentos ultramarinos. O plano aplica-se à economia de todo o espaço submetido à soberania portuguesa, e o seu objectivo principal é a aceleração do ritmo de acréscimo do produto nacional, acompanhada de uma repartição mais equilibrada dos rendimentos formados.

Os investimentos a fazer, obedecerão ao seguinte critério selectivo:

- Preferência pelos empreendimentos de mais acentuada, directa e imediata reprodutividade;
- Preferência pelas actividades de produção de bens e serviços susceptíveis de satisfazer a procura nos mercados externos ou de substituir a importação de outros bens e serviços originários do estrangeiro;
- Preferência pela infra-estrutura que mais directamente contribua para o alargamento e melhoria do potencial produtivo da população.

Este critério obedece ao objectivo dominante do Plano. Se é certo, como disse o sr. dr. Corrêa de Oliveira, que o nosso atraso em relação aos países mais evoluídos do Ocidente nos impõe a necessidade de uma marcha mais acelerada, nem por isso deixa de ser digno de registo que se possa fazer essa aceleração num momento crucial da nossa história.

A ideia dominante do Plano — por enquanto simples projecto, que aguarda o parecer da Câmara Corporativa e a apreciação da Assembleia Nacional — é conciliar as imposições da defesa do território pátrio com as necessidades do fomento económico. Por outras palavras: praticar uma política económica realista.

S. Morgado

## Subscrição para as obras de restauro da Igreja de Santo António

Transporte . . . . .	2 374\$50
Um anónimo . . . . .	50\$00
Soma . . . . .	2 424\$50

## Novo Presidente da Câmara de Faro

Continuação da 1.ª página

No final o sr. Major Vieira Branco agradeceu as palavras que lhe foram dirigidas prometendo ser útil à cidade de Faro desde que todos o ajudem no fiel cumprimento da sua missão.

Ao novo presidente do município farenses endereçamos as nossas mais expressivas saudações com votos de muitas prosperidades no desempenho do seu novo cargo.

Em 17/5/964 foram trasladados os restos mortais da grande Poetisa Florbela Espanca para Vila Viçosa como ela suplicou um dia em verso:

## "Terra quero dormir dá-me pousada"

Voltaste enfim

*Voltaste à tua terra, pobre «Soror Saudade»  
E nessa terra ardente buscaste a tua cela,  
«Coração chagado», fizeram-te a vontade  
Ouviram o teu apelo ó triste Florbela!*

*A tua terra amada «na planície rasa»  
Trint'anos chamou por ti, saudosa a soluçar,  
Terra de tardes quentes, sem um bater de asa,  
Querias beijar-te a campa em noites de luar.*

*Terra onde abriste os olhos à tristeza,  
Onde tua mãe «foi moça, amou e foi amada»  
Recebeu-te agora com orgulho e grandeza,  
Como filha dilecta ofereceu-te pousada.*

LAURA DE AVIZ

## Crónica de Lisboa

Continuação da 1.ª página

capazes de viver em sociedade, respeitando-se mutuamente e respeitando os demais, para garantir a existência de um Mundo melhor!

E, instintivamente vieram até nós as imagens duma geração descontrolada, louca, insatisfeita, saltando todas as barreiras do bom senso, da dignidade, da educação e do respeito! Recordamos atitudes do dia a dia vividas pela mocidade actual das Escolas, dos Liceus, das Universidades, que parece viver apavorada com o Amanhã... pensando que a Vida é apenas o dia de Hoje!

Como o Mundo não seria melhor se as actuais gerações se guiassem pelas normas de Civilidade que há um Século os mestres ensinavam aos seus alunos, com o mesmo interesse, o mesmo entusiasmo e com a mesma dedicação que lhes ministravam conhecimentos de História ou de Aritmética? Talvez o Mundo não fosse o «Mundo Louco» em que vivemos e vivem os nossos filhos!

Este o motivo porque não resistimos à tentação de pedir ao Manuel Virgínio Pires, que reserve um cantinho do nosso «Povo Algarvio» para, durante 4 ou 5 números transcrevermos os principais «Elementos de Civilidade» que os alunos de há mais de um Século eram obrigados a conhecer e a praticar, pelo menos entre si, os mestres, os seus familiares e os Amigos.

Se os novos (da novíssima «Vaga») tiverem a coragem de ler as linhas que se seguem... talvez compreendam um pouco melhor como é errada e grosseira a sua maneira de viver neste Século das Bombas Atómicas e dos Satélites Artificiais!...

Na transcrição que se seguirá — para não lhe tirarmos o sabor da época — não modificaremos qualquer frase ou termo já antiquado! Vamos ler.

### ELEMENTOS DE CIVILIDADE

Que é Civilidade?

— É a práti a de todas as atenções para com os nossos semelhantes na Sociedade, evitando, assim, nas palavras e nas acções, tudo quanto possa ofendê-los ou desagradar-lhes. A Civilidade é o sinal distintivo de uma boa educação,

e dispõe logo os outros em nosso favor.

— Que entendeis por sociedade?

— Entendo a união de homens obrigados a viverem juntos, pela dependência que uns têm dos outros

— E será útil a civilidade?

— Sem dúvida!

— Então em que consiste principalmente a sua utilidade?

— Em estreitar os laços da sociedade por meio de certas maneiras de obrar e falar, que produzem a estima e afeição entre aqueles de que ela se compõe.

— Que vantagens resultarão daí?

— A boa inteligência em particular; a ordem e paz em geral.

— Aonde tem origem a civilidade?

— Nos sentimentos de um coração bem formado.

— Quais são esses principais sentimentos?

— O respeito aos mestres, aos superiores e aos chefes; a benevolência para com os iguais e a indulgência para com os inferiores.

— Mas não nos prescreve a Religião o dever de exercer esses sentimentos?

— Certamente. A verdadeira civilidade, em toda a extensão da palavra, tal qual a devemos considerar, não é outra coisa mais do que essa caridade inteiramente fraternal que o Evangelho nos prescreve: Não façais a outrem o que não quizeris que vos fizessem; Fazei-lhe o que quizeris que vos fizessem. Tal deve ser o fim de todo o acto de civilidade.

— Nesse caso não bastaria penetrar-nos da moral do Evangelho para os conduzirmos convenientemente?

— O Evangelho ensina os princípios fundamentais; mas há muitos preceitos particulares que deles derivam, e que ali se não poderiam mencionar. Muitos desses preceitos podem até variar segundo os tempos e os Países. A civilidade, tal qual se deve entender, abrange não só a polidez dos costumes, mas também a decência e a polidez das maneiras.

(CONTINUA)

Assinal o «Povo Algarvio»

## FIOS DE LÃ

Nacionais e Estrangeiros, Fios acrílicos como GEORGON, GEORCRIL e outros, Fios mistos, fios de algodão, She Clands, etc.

VENDE: GEORGES ROSE, LDA.

R. DOS SAPATEIROS, 219-1.º

LISBOA